

## **Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ: futebol e estratégias de comunicação como resistência ao discurso bolsonarista<sup>1</sup>**

Marcelo Alves de Resende<sup>2</sup>  
Vania Oliveira Fortuna<sup>3</sup>

### **Resumo**

A presente pesquisa objetiva analisar a atuação do coletivo de torcida Canarinhos LGBTQ+, por meio de posts no Instagram, para verificar o discurso a favor da democratização dos estádios de futebol para a população LGBTQIAPN+. A comunicação organizacional, com a parceria do coletivo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), mostra-se relevante nesse contexto. O trabalho se justifica pelo histórico misógeno e LGBTfóbico do futebol, esporte mais popular do país que opera sob bases da masculinidade heteronormativa. Uma característica que fica ainda mais latente diante da ascensão do bolsonarismo no Brasil, vertente política que subjuga corpos minoritários, como o da população LGBTQIAPN+.

### **Palavras-chave**

Comunicação digital; Futebol; Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ; Bolsonarismo; “Dessequestro” de ímbolos nacionais.

### **Introdução**

Este trabalho tem o objetivo de problematizar coletivos de torcidas de futebol, que têm lutado contra a exclusão de diferentes identidades sociais, à luz das estratégias de comunicação organizacional e do uso das plataformas e redes sociais digitais. Coletivos que se apropriam do futebol, esporte constitutivo da identidade brasileira, como arte e resistência de corpos ameaçados ao longo do tempo. Corpos que são impactados pelos discursos da extrema-direita, que reforçam preconceitos e estigmas. No caso específico deste estudo, pela ascensão do bolsonarismo, que entre tantas estratégias de popularização, sequestra símbolos nacionais, como a camisa da seleção brasileira de futebol, e do estreitamento das relações com atletas, clubes e outras entidades esportivas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação, Consumo e Organizações, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

<sup>2</sup> Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: mar.marceloresende@gmail.com

<sup>3</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social da UERJ – Departamento de Relações Públicas. Doutora em Comunicação pela UFF. E-mail: vaniafortuna@gmail.com

A metodologia consiste em revisão bibliográfica sobre e análise de algumas estratégias de comunicação do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ, criado em 2019 já no contexto bolsonarista com o intuito de denunciar e combater as violências sofridas por pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, nas redes e nas ruas. Além disso, também visou a congregar torcidas LGBTQIAPN+ de diversos clubes brasileiros para realização de ações, campanhas, iniciativas e sugestões de inclusão e diversidade (CAMARGO, 2022). Uma dessas foi o encontro nacional virtual em agosto de 2020, que teve a sala invadida por diversos discursos homofóbicos após divulgação do link. O debate ocorreu, mas sem a presença do público geral<sup>4</sup>.

A extrema-direita atua com a lógica do anti-intelectualismo. A discordância permitida pelo avanço científico é um indício de diversidade, nada mais ameaçador para a busca do consenso apenas sob suas bases ideológicas. A ideia contra o moderno é exemplificada em como a extrema-direita combate as minorias, cujos direitos adquiridos são um atentado ao tradicionalismo: o patriarcalismo, por exemplo, configura uma sociedade sob preceitos masculinos. O ataque que o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro (2019-2022) faz contra mulheres, homossexuais ou negros<sup>5</sup> representam bem essa sistemática. Ele ganhou notoriedade em 1986, quando escreveu um artigo para a revista *Veja*<sup>6</sup>, no qual reclamava de baixo salário de soldados e oficiais, o que o levou a ser preso por 15 dias pela cúpula militar. Em 1991, tornou-se deputado federal, cargo que manteve por 28 anos até ser eleito o 38º presidente do Brasil<sup>7</sup>.

O bolsonarismo fez amplo uso das mídias sociais para estratégias de desinformação, capitaneadas por Steve Bannon<sup>8</sup>, contra adversários políticos e com o uso de debates que suscitam a emoção do cidadão, como a pauta dos costumes. Bolsonaro sai vitorioso das urnas em 2018, eleição também influenciada pelo fatídico episódio da facada<sup>9</sup>, que lhe concedeu mais exposição e condição de vítima, e pelo apoio da bancada evangélica na reta final do primeiro turno. Essa ascensão bolsonarista trouxe novos capítulos para um país de democracia jovem.

---

<sup>4</sup> COLETIVO DE TORCIDAS CANARINHOS LGBTQ+: Conheça a Canarinhos LGBTQ. Disponível em: > <https://canarinhoslgbtq.com.br/quem-somos/> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

<sup>5</sup> O GLOBO: Bolsonaro faz piada de cunho machista e diz que racismo 'não existe da maneira que falam' no Brasil. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/bolsonaro-faz-piadas-de-cunho-machista-e-diz-que-racismo-nao-existe-da-forma-como-falam-no-brasil.ghtml> <. Acesso em: 02 jan. 2024.

<sup>6</sup> VEJA: O artigo em VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980. Disponível em: > <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja-o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

<sup>7</sup> JOTA: Jair Bolsonaro: a trajetória militar e política do presidente que busca a reeleição. Disponível em: > <https://www.jota.info/eleicoes/jair-bolsonaro-a-trajetoria-militar-e-politica-do-presidente-que-busca-a-reeleicao-13052022> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

<sup>8</sup> Steve Bannon é um assessor político estadunidense que serviu como assistente e estrategista-chefe da Casa Branca no governo Trump e de outros grupos de extrema-direita pelo mundo.

<sup>9</sup> IG: Facada em Bolsonaro reforçou figura de "mito" e o ajudou a esconder falhas. Disponível em: > <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-10-28/facada-em-bolsonaro-eleicoes.html> <. Acesso em 01 ago. 2023.

Bolsonaro modificou as estruturas do governo federal atendendo a duas formas de governar para garantir os interesses da aristocracia brasileira: a adoção do neoliberalismo (DARDOT, LAVAL, 2013) e a redução do espaço e do direito das minorias (RIBEIRO, 2017). Extinguiu ministérios importantes<sup>10</sup>, como o do Trabalho, da Cultura, e colocou nomes contrários à pauta das minorias sub-representadas à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, como Damares Alves<sup>11</sup>, que fazia parte da ala ideológica do bolsonarismo. Na Fundação Palmares, instituição destinada à promoção e preservação da cultura negra na sociedade brasileira, Bolsonaro nomeou Sergio Camargo, jornalista negro brasileiro que se define como “negro de direita antivitimista inimigo do politicamente correto”<sup>12</sup>. Damares Alves e Sergio Camargo são dois exemplos evidentes de como funciona a extrema-direita, especialmente quando detém o controle do governo. Além de promover ataques diretos nas ruas entre cidadãos por meio de discursos de ódio, implode internamente instituições com mudança em suas atuações, indo de encontro à promoção de igualdade social e racial.

No campo esportivo também não foi diferente. O futebol suscita paixões nos brasileiros há mais de um século, tornando-se um dos pilares da identidade nacional promovida, sobretudo, a partir da Era Vargas (SOUZA, 2008). Bolsonaro buscou se aproveitar disso e tentou se manter próximo do esporte mais popular do país para promoção das ideias fascistas, como a adoção do discurso de ódio (WILLIAMS, 2021) e da guerra cultural (ROCHA, 2021).

Uma das tentativas de popularização de Bolsonaro pelo futebol aconteceu com a iniciativa de o ex-presidente usar camisas de mais de 80 times brasileiros<sup>13</sup> nos últimos anos, vestindo-se com o uniforme do clube do coração de milhões de brasileiros. O líder da extrema-direita brasileira sabe a importância que o futebol tem no Brasil e que esse esporte é palco de disputa de narrativas. Com isso, é importante discutirmos a significação da camisa de time ou seleção de futebol na cultura torcedora para entendermos os motivos que o levaram a vestir tanta camisa de time. A indumentária vai além do vestir o jogador ou o consumismo do torcedor que deseja obter a última moda do time do coração. As camisas de futebol, de acordo com

---

<sup>10</sup> AGÊNCIA SENADO: Com vetos, Bolsonaro sanciona lei que reorganiza ministérios. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/06/19/com-vetos-bolsonaro-sanciona-lei-que-reorganiza-ministerios>. Acesso em: 14 jul. 2023.

<sup>11</sup> CARTA CAPITAL: A sinistra Damares e seu projeto de destruição. Disponível em: > <https://www.cartacapital.com.br/opiniaao/a-sinistra-damares-e-seu-projeto-de-destruicao/> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

<sup>12</sup> EL PAÍS BRASIL: Como Bolsonaro dinamita as instituições: o caso da Fundação Palmares. Disponível em: > <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-09-18/como-bolsonaro-dinamita-as-instituicoes-o-caso-da-fundacao-palmares.html> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

<sup>13</sup> UOL: Jogo de poder. Bolsonaro veste a camisa na 'autopromoção' com o futebol; presidente já usou mais de 80 uniformes de clubes. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/bolsonaro-ja-exibiu-81-camisas-de-clubes-de-futebol-especialistas-apontam-uso-politico> <. Acesso em: 11 jan. 2024

Toledo (2019), criam um duplo vínculo entre o social e o subjetivo como propriedade material simbólica de induzir relações. Quando o torcedor compra uma camisa, cria a individualidade do eu torcedor e adere a uma coletividade clubística ao encontrar da mesma maneira o igual gosto de outros torcedores. A cultura do torcedor cria dualidades interativas de pertencimento entre o indivíduo e o social, o meu time e o dos rivais. Nessa lógica, o bolsonarismo sequestrou a camisa da seleção brasileira de futebol, marcando esse momento como o segundo sequestro (GUEDES e ALMEIDA, 2019), com o primeiro acontecendo durante a última ditadura militar brasileira.

Ao longo da história do futebol brasileiro, discursos hegemônicos foram sendo construídos para afirmar a masculinidade heteronormativa. O bolsonarismo fortalece o processo de exclusão de corpos que não se enquadram nesse padrão, atuando no sentido contrário à democratização do futebol. Em contrapartida, coletivos de torcida, antes mesmo do bolsonarismo, têm lutado para que o futebol deixe de ser misógino, LGBTfóbico e machista. Entre eles, podemos citar a Coligay (Grêmio) e Fla-Gay (Flamengo). Se as plataformas e redes sociais digitais assumiram (e ainda assumem) o protagonismo na disseminação e legitimação dos ideais bolsonaristas, atores outros, como o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ, também as usam de forma estratégica, dando a ver embates e lutas simbólicas no cenário da comunicação e do futebol.

### **Corpos diversos e cidade impactados pelo bolsonarismo**

Os conflitos entre classes nos ajudam a entender quais corpos têm direito, principalmente, aos espaços urbanos no contexto do bolsonarismo. Em sociedades mergulhadas na lógica do consumo, o convívio social hierarquizado nos apresenta contrastes e tensões sociais. Canclini (2005) afirma que “as cidades não são apenas um fenômeno físico [...], mas também lugares onde ocorrem fenômenos expressivos que entram em tensão com a racionalização, com as pretensões de racionalizar a vida social” (CANCLINI, 2005), avançando sobre a ideia de Castells (2011) de que cidade seria apenas uma dimensão geográfica com uma alta densidade de pessoas compartilhando esse espaço.

A primeira complexidade que nos defrontamos é a quase frustrante tentativa de definirmos cidade. Numa pesquisa que pode ser incessante, é possível encontrar caminhos que vão desde o número de habitantes às atividades produzidas na (e pela) cidade, até percursos que se configuram em oposição ao rural ou se aproximam do conceito de civilidade e modos de condutas sociais. Mais importante aqui do que buscar uma definição “verdadeira” de cidade

é entendê-la pela heterogeneidade de seus sujeitos. Se há caminhos que buscam o comum para o aglomerado da cidade, é justamente o oposto o que pensamos aqui ao entendermos a cidade para além das totalidades estética, econômica, produtiva/industrial e política – mesmo que todas essas dialoguem.

Segundo Orlandi (2004), a cidade se faz na troca de experiências, na proximidade (e até na distância) entre os indivíduos e nos deslocamentos espaços-temporais responsáveis pelas reconfigurações assumidas pelas cidades. Estar sensível à capacidade flexível de se reconfigurar nos aproxima de um entendimento da cidade pelas alterações possíveis nos sujeitos e na ordem social. As cidades se estruturam pelos contrastes (aparentes) de heterogeneidade e padronização, subordinação ao que é do coletivo ao mesmo tempo em que sobressai seu “q” de dispersão e individualidade, o que para Orlandi aponta “a mobilidade do indivíduo no campo de um grande número de indivíduos diferentes concentrados em um mesmo espaço” (ORLANDI, 2004, p.12). Um dos pontos de introdução do pensamento de Orlandi (2004) para compreendermos a cidade a partir de seu discurso é de que a cidade e os corpos que a compõem formam uma unidade em que ambos os destinos estão atrelados em suas dimensões culturais, econômicas, históricas e sociais.

Nesse compartilhamento, surgem os conflitos. Como disseram Vieira e Siqueira (2021), “temas como medo, violência, estresse, poluição, velocidade e excesso de informações nas grandes cidades aparecem em narrativas midiáticas em que pessoas procuram refúgios para as angústias do cotidiano” (VIEIRA e SIQUEIRA, 2021, p. 6). A mídia torna-se uma fábrica de imaginários sobre a cidade na qual está inserida. Como detalhou Durand<sup>14</sup>, “o imaginário nunca é algo dado, absoluto ou externo ao indivíduo, mas uma construção que compreende os ritos sociais e o sentimento de si dos sujeitos, em um eterno devir” (DURAND, 1998, apud VIEIRA E SIQUEIRA, 2021). Ou seja, a mídia ajuda a criar, a reforçar ou a modificar imaginários de cidade e de um país, principalmente se for cooptada pela manipulação do discurso da extrema-direita. Desse modo, a imprensa cria imaginários sobre vilões, na cultura do medo e da violência, emergindo conflitos entre classes sociais, grupos políticos e ideológicos (VIEIRA e SIQUEIRA, 2021).

A representação da violência construída pela mídia estigmatiza determinados grupos da sociedade. Os grupos sociais que almejam se defender contra os problemas urbanos, entre eles a violência, consomem a cidade a partir dessa visão do medo. Vieira e Siqueira (2021)

---

<sup>14</sup> Gilbert Durand foi um antropólogo, filósofo, pesquisador e professor universitário francês reconhecido por trabalhos sobre imaginário e mitologia.

analisam que esse movimento de defesa significa a “negação da cidade real em direção à cidade ideal, onde a promessa de segurança e de diminuição dos conflitos influenciam o consumo e os usos da cidade” (VIEIRA e SIQUEIRA, 2021, p. 7). É a ideia do cidadão dentro de seus espaços superprotegidos (cidade ideal) das incertezas da rua (cidade real), do perigo. Diante da mercantilização do medo na vida urbana, temos a segurança como consumo. Daí, surgem os condomínios luxuosos ou até mesmo os que atendem à classe média<sup>15</sup>, os shoppings, casa de festas exclusivas. Tudo na tentativa de manter a segurança, sem possibilidades de surpresas. No entanto, não são todos que têm acesso ao escape dos conflitos de uma metrópole, porque para o indivíduo ter esse tipo de privilégio é necessário ter dinheiro. Uma vez que os 10% mais ricos no Brasil ganham quase 59% da renda nacional total<sup>16</sup>, é uma minoria que tem acesso a essas fugas.

O bolsonarismo sabe usufruir do pânico moral e do medo em sociedade para infectar o debate público. Diversos posicionamentos políticos bolsonaristas seguiram o caminho do pânico moral, como o combate a uma possível “ideologia de gênero”, que se resume à atuação contra os direitos sexuais de mulheres e da população LGBTQIAPN+, sob a ótica de ataques à integridade de crianças e adolescentes em escolas para transformá-las em tudo aquilo que não se encaixa na heteronormatividade masculina. O que pode ser identificado no discurso moralista do bolsonarismo a respeito de “kit gay”<sup>17</sup> e “mamadeira de piroca”<sup>18</sup>. Segundo o bolsonarismo, seriam criações da esquerda para difamar moralmente a sociedade brasileira, usando uma possível ingenuidade infantil para convencer a população do perigo que os “comunistas” representam.

A pauta moral proposta por bolsonaristas<sup>19</sup> ganhou o reforço de religiosos, católicos, neopentecostais e as pessoas que se interessam por razões éticas/morais que não necessariamente são da sociedade civil, mas que podem estar em instituições ou mesmo no

---

<sup>15</sup> VEJA: A vida nos condomínios superexclusivos, onde o boom de moradores faz preço do metro quadrado superar o de bairros como os Jardins. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/capa-fazenda-boa-vista-condominios-luxo/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

<sup>16</sup> BBC Brasil: 4 dados que mostram por que Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59557761#:~:text=As%20desigualdades%20patrimoniais%20s%C3%A3o%20ainda,financeiros%2C%20como%20propriedades%20imobili%C3%A1rias> <. Acesso em: 27 nov. 2022.

<sup>17</sup> BRASIL DE FATO: Livro popularizado pela fake news de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos. Disponível em: > <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/livro-popularizado-pela-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-faz-20-anos> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>18</sup> PIAUÍ: Da mamadeira de piroca a banheiro unissex. Disponível em: > <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/damamadeira-de-piroca-ao-banheiro-unissex/> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>19</sup> FOLHA DE S.PAULO: Lula veta trecho da LDO que proibia gasto com ações 'tendentes a desconstruir o conceito de família'. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/01/lula-veta-trecho-da-ldo-que-proibia-gasto-com-acoes-tendentes-a-desconstruir-o-conceito-de-familia.shtml> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

governo, como assinala Miskolci e Campana (2017). As igrejas agem com o discurso apocalíptico como uma das táticas de promoção desse pânico moral.

Na contrariedade aos lugares exclusivos de condomínios fechados e superequipados em termos de segurança, estão as favelas e os subúrbios no contexto brasileiro. Quem vive nesses espaços? Gonzalez (2020) pede para “que se atente para os hospícios, as prisões e as favelas como lugares privilegiados da culpabilidade através da chamada ação policial” (GONZALEZ, 2020, p. 93). Isto é, são nesses espaços de exclusão social que estão as pessoas indesejadas na sociedade, as chamadas por Bauman (2004) de refugio humano.

Gonzalez (2020) responsabiliza a ação policial, tão defendida pelo bolsonarismo, por reprimir os excluídos socialmente que vivem nas favelas do Rio de Janeiro, por exemplo. Diversas operações policiais em projetos como “Cidade Integrada”<sup>20</sup>, encampada por Cláudio Castro, governador do Rio e apoiador de Bolsonaro nas eleições de 2022. O “Cidade Integrada” não atua de acordo com o seu nome, mas, sim, faz uma carnificina com a matança de pretos e pobres<sup>21</sup>. Como bem disse Santos (2022), “a violência policial desmedida e endereçada à população negra se tornou uma política pública que não causa nenhum tipo de comoção efetiva para além dos grupos que têm seus direitos constantemente violados” (SANTOS, 2022, p. 269). As famílias destruídas pelas ações policiais aparecem em programas de TV lamentando a perda de um ente, há uma breve comoção e, depois, os casos são esquecidos até surgirem outros fatos parecidos.

Como a produção da desigualdade de classe desde o berço é reprimida tanto consciente quanto inconscientemente, é o estereótipo do negro, facilmente reconhecível, que identifica o de modo fácil o inimigo a ser abatido e explorado. O “perigo negro” usado como senha para massacrar indefesos e quilombolas durante séculos é continuado por outros meios no massacre aberto, e hoje aplaudido sem pejo, de pobres e negros em favelas e presídios (SOUZA, 2019, p. 88).

No caso da violência policial contra a população preta no Brasil, não existe o interesse social de atacar o problema, pois a todo instante essas histórias voltam à tona, como um círculo vicioso. A extrema-direita beneficia-se, além de promovê-lo, do discurso do nós contra eles, porque, se houver a resolução do problema da violência policial, acaba um dos tentáculos fascistas. Podemos afirmar que a extrema-direita se beneficia do racismo nas mais diversas áreas, no mercado de trabalho, nas artes, no lazer e no consumo à cidade, promovendo o

---

<sup>20</sup> Similar às Unidades de Polícia Pacificadora de Sergio Cabral. Projeto iniciou em 2008, no Santa Marta, em Botafogo e não obteve sucesso na “pacificação” do Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> CNN BRASIL: Governador do Rio chama vítimas de chacina do Jacarezinho de “vagabundos”. Disponível em: > <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/governador-do-rio-chama-vitimas-de-chacina-do-jacarezinho-de-vagabundos/> <. Acesso em: 29 jul. 2023.

exclusivismo à elite econômica. Como os corpos negros são impactados na cidade pela lógica do consumo e da cultura do medo? São excluídos, desalojados, desrespeitados, assassinados. Esses corpos estão nas favelas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a prévia do Censo-2022 no qual constata que 16,6 milhões de pessoas vivem em favelas no Brasil<sup>22</sup>. Já a pesquisa do Instituto Locomotiva, do Data Favela e da Central Única das Favelas (Cufa) apontou que 17,1 milhões de pessoas (8% da população nacional), o que colocaria essa população como o quarto estado mais populoso do país. O estudo, divulgado em 2021, revela que as favelas são majoritariamente um fenômeno urbano, com 89% da população favelada situada em regiões metropolitanas. A população preta nas favelas (67%) é maioria nesses locais e está acima da média nacional (55%)<sup>23</sup>. Para justificar os massacres nas favelas, o Estado brasileiro usa o imaginário de forma preconceituosa e racista de que nas favelas estão criminosos, bandidos, produtores de drogas e armas. O bolsonarismo alimentou esse imaginário de que na favela só tem bandido ao afirmar que só havia traficante com Lula, o que não é verdade<sup>24</sup>. Tudo que há de ruim, dentro dessa lógica, é inerente às favelas, onde a pobreza extrema se faz presente com a falta de políticas públicas eficientes, o desemprego<sup>25</sup>, alto índice de evasão escolar pela necessidade de trabalhar, entre outros.

Valladares (2005) afirma que a origem da construção das representações da favela remonta ao início do século XX. Escritores, jornalistas e reformadores urbanos desenvolveram um imaginário coletivo da favela e seus moradores a partir de descrições e imagens. A favela começava a ser representada como um lugar diferente, à parte da cidade, que crescia na contramão da ordem urbana e social. O “mito fundador da favela carioca”, segundo a autora, tem relação com livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1902), pois os primeiros observadores da favela foram profundamente influenciados pela obra.

A imagem primeira da favela, portanto, foi construída pelos olhares daqueles que se portavam como testemunhas, assim como o fez Euclides da Cunha. Se, no discurso do escritor,

---

<sup>22</sup> CNM: IBGE anuncia retorno da utilização do termo favela no censo demográfico. Disponível em: > <https://www.cnm.org.br/comunicacao/noticias/ibge-anuncia-retorno-da-utilizacao-do-termo-favela-no-censo-demografico> <. Acesso em: 23 jan. 2024.

<sup>23</sup> CNN BRASIL: Cerca de 8% da população brasileira mora em favelas, diz Instituto Locomotiva. Disponível em: > <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/> <. Acesso em: 27 nov. 2022.

<sup>24</sup> UOL: Bolsonaro erra nome de favela e diz que evento com Lula só tinha traficante. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/16/bolsonaro-diz-que-lula-foi-a-favela-no-rj-e-que-so-tinha-traficante.htm> <. Acesso em 29 jul. 2023.

<sup>25</sup> FOLHA: Fome e desemprego no Brasil têm cor, apontam pesquisas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/fome-e-desemprego-no-brasil-tem-cor-apontam-pesquisas.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2022.

a dualidade sertão *versus* litoral estava presente, nos relatos sobre as favelas era clara a oposição favela *versus* cidade. A representação da favela como lugar que se opunha à cidade, sujo e maltratado onde reinava a pobreza, levaria a transformação da favela em problema.

A favela como problema transparece na gestão Eduardo Paes<sup>26</sup>, norteada pela política urbana neoliberal. A mobilidade na cidade e o Porto Maravilha foram argumentos para desapropriações e remoções de favelas. A abertura de vias expressas para a implantação dos BRTs<sup>27</sup> foi um dos compromissos assumidos com a organização dos Jogos Olímpicos 2016, no Rio de Janeiro e, portanto, também fez parte do repertório discursivo dos legados. A preparação da cidade para as Olimpíadas acelerou projetos de reurbanização de algumas favelas, principalmente as mais próximas às áreas turísticas, tratadas pela gestão urbana e pela imprensa como lugares à margem da cidade.

As vítimas dos problemas estruturais no Brasil têm cor, com as noções de raça, classe e sexo interligadas, como diz Gonzalez (2020). Os corpos negros são os mais afetados historicamente com a fome, o desemprego (ou subemprego) e a exclusão em locais que ninguém quer estar ainda como um resquício da escravidão (SANTOS, 2022), pois o estado brasileiro ainda não foi capaz de reparar os danos causados à população preta do país, que é a maioria dos seus cidadãos<sup>28</sup>. Tudo isso foi impulsionado pelo bolsonarismo, que tem o neoliberalismo, o armamentismo e o “combate ao crime” como política de segurança pública.

Os corpos afetados conseguem deixar a cidade real para viver na cidade ideal para eles? Isso não é possível pelos problemas estruturais do Brasil, como a falta de habitação adequada, intensificados pela política neoliberal do governo Bolsonaro e a redução de investimento público. O neoliberalismo no governo Bolsonaro se canaliza na atuação do “guru” da economia Paulo Guedes, oriundo da Escola de Chicago, onde surgiu essa vertente econômica que despolitiza a política, individualiza os conflitos sociais (DUNKER, 2023).

A imputação de responsabilidade exclusiva ao indivíduo gera o sofrimento psíquico daqueles que não se adequam à dinâmica individualista imposta pelo neoliberalismo. O depressivo surge da contestação a esse sistema de auto-observação, da não aceitação desse modelo neoliberal fundamentado no individualismo. É como se nos dissessem: “se você não

---

<sup>26</sup> De acordo com as pesquisas de Lucas Falhauber e Lena Azevedo (2015), até 2013 Eduardo Paes desalojou cerca de 67 mil pessoas.

<sup>27</sup> *Bus Rapid Transit* – corredor exclusivo de ônibus articulados, divulgado como modal de massa para desafogar o trânsito na cidade.

<sup>28</sup> IBGE: Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Disponível em: > <https://encurtador.com.br/gksX7> <. Acesso em: 23 jan. 2024.

alcançou, o problema é seu”, discurso meritocrático que desconsidera condições sociais, políticas e econômicas que podem atravessar o indivíduo.

Dunker (2023) ressalta que o depressivo “não consegue usufruir da gramática da competição de todos contra todos, que tornaria a vida uma espécie de esporte permanente, de viagem contínua ou de teatro de estrelas no qual há um prazer em representar” (DUNKER, 2023, p. 209). Como exemplo, a paralisia do governo Bolsonaro na gestão da pandemia de Covid-19 adotou a transferência de responsabilidades. Há, porém, uma contradição, porque o que vale são os interesses do Estado neoliberal: você não pode individualizar ações se for contra os interesses do Estado neoliberal. O neoliberalismo ajuda a justificar a paralisia governamental, afinal, o que o governo pode fazer por você se você é o único responsável pela sua vida? Em nome da meritocracia<sup>29</sup>, a individualização é normalizada para estabelecer a cartilha neoliberal seguida pelo bolsonarismo.

Bolsonaro e seus seguidores sabem usar a mídia para atingir seus objetivos e manter a massa de plantão, por isso obteve sucesso quando sequestrou os símbolos nacionais, entre os quais a camisa da seleção brasileira. O sequestro de símbolos nacionais cria uma “roupagem oficial” e confere uma legitimidade como representantes da nação ao bolsonarismo, diferenciando-o dos “comuns”. Nada melhor do que a camisa da seleção brasileira, símbolo de vitória nacional perante o mundo. Nesse contexto, temos o entrelaçamento do futebol, esporte com forte simbologia entre os brasileiros, com a política, na medida em que a camisa Canarinho<sup>30</sup> passa a ser usada pelos manifestantes que ocuparam ruas de diferentes cidades em favor do impeachment de Dilma Rousseff<sup>31</sup> e, pouco depois, pelos apoiadores de Bolsonaro nas eleições de 2018.

Nos dias de hoje, apoiadores da política bolsonarista ainda se manifestam pelo uso da camisa canarinho e, em menor medida, pelas bandeiras do Brasil exposta nas janelas residenciais. Como forma de resistência e desconstrução dessa indevida apropriação de símbolos nacionais pela extrema-direita, encontramos grupos sociais que em diferentes segmentos lançam mão de estratégias, entre elas o futebol e a comunicação, na tentativa de

---

<sup>29</sup> Ver: SANDEL. Michael J. A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

<sup>30</sup> Vamos usar Canarinho para também se referir à camisa da seleção brasileira, que passou usá-la como amarelo predominante a partir da Copa do Mundo de 1954 com o objetivo de esquecer o branco usado no Maracanazo. MUSEU DO FUTEBOL: A História da Camisa Canarinho: Como o amarelo-ouro passou a vestir o Brasil. Disponível em: > <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-historia-da-camisa-canarinho-como-o-amarelo-ouro-passou-a-vestir-o-brasil/> <. Acesso em: 09 jan. 2024.

<sup>31</sup> G1: Michel Temer assume a presidência da República até dezembro de 2018. Disponível em: > <https://g1.globo.com/hora1/noticia/2016/09/michel-temer-assume-presidencia-da-republica-ate-o-final-de-2018.html> <. Acesso em: 8 mar. 2024.

“dessequestro” da camisa da seleção para devolvê-la ao povo brasileiro, como aponta Resende (2024).

### **Coletivo Canarinhos LGBTQ+ x bolsonarismo: disputa pelos sentidos**

A guerra cultural (Rocha, 2021) encampada pelo bolsonarismo impõe a história única do governo com a identidade da supremacia masculina heteronormativa. Essa moral do macho atravessa diferentes segmentos, como o Palácio do Planalto ou aquele vizinho boa praça. Um ideologismo que subvaloriza a mulher e abomina quaisquer desvios dessa retórica. No futebol, quaisquer subjetividades que lutam por inclusão LGBTQIAPN+ e de mulheres nesse esporte, por exemplo, ameaçam as estruturas misóginas e LGBTfóbicas desse esporte.

A Fifa, reguladora do futebol mundial, define o padrão-Fifa para as suas competições, incluindo a Copa do Mundo de seleções. São regras básicas para um país seguir caso se interesse por organizar torneios internacionais da entidade. Há uma discussão sobre conforto e experiência do torcedor, mas um ponto importante é que a Fifa tenta aniquilar a cultura e, conseqüentemente, os micropoderes (RIBEIRO, 1986) dos países organizadores a fim de evitar qualquer abalo da estrutura pensada pela entidade, como aconteceu na Copa de 2014, disputada no Brasil<sup>32</sup>.

O coletivo Canarinhos LGBTQ+ reúne 18 torcidas LGBTQIAPN+ de 18 clubes do Brasil, entre eles do Vasco (Vasco LGBTQ+), do Cruzeiro (Marias de Minas), do Botafogo (Torcida LGBTQIA+ do Botafogo) e do Corinthians (Fiel LGBT). A Vasco LGBTQ+, por exemplo, tem atuado junto ao clube para promover essas ações de inclusão e evitar a LGBTfobia entre os vascaínos. Em junho de 2021, o Vasco da Gama lançou, de forma inédita, uma camisa em apoio à diversidade no futebol. O clube colocou a tradicional faixa transversal nas cores do arco-íris, símbolo da comunidade LGBTQIAPN+. Não houve unanimidade entre os jogadores que na época atuavam no clube sobre essa decisão: o zagueiro Leandro Castán, querido pelos torcedores, fez uma publicação de cunho religioso, no Instagram<sup>33</sup>, colocando-se contrário à decisão do clube sobre o uso da camisa. Tempos depois, Castán admitiu que o seu posicionamento mudou a relação dele para a pior com a torcida<sup>34</sup>. Mesmo assim, o clube manteve a estreia da camisa diante do Brusque, em São Januário. Na ocasião, o Vasco venceu

---

<sup>32</sup> ÉPOCA: Fifa proíbe tablets, guarda-chuvas e vuvuzelas nos estádios da Copa. Disponível em: > <https://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/06/fifa-proibe-btablets-guarda-chuvas-e-vuvuzelas-nos-estadios-da-copa-confira-lista.html> <. Acesso em: 04 ago. 2023.

<sup>33</sup> Disponível em: > <https://www.instagram.com/p/CQoPZgity0V/> <. Acesso em 11 ago. 2023.

<sup>34</sup> LANCE!: Castan afirma que posição sobre a camisa LGBTQIA+ do Vasco mudou a relação com os torcedores. Disponível em: > <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/castan-afirma-que-posicao-sobre-a-camisa-lgbtqia-do-vasco-mudou-a-relacao-com-os-torcedores.html> <. Acesso em: 11 ago. 2023.

por 2 a 1, com direito ao atacante Germán Cano levantar a bandeirinha de escanteio com o arco-íris na comemoração de um dos gols. Na divulgação do novo uniforme, o clube lançou uma carta em defesa da diversidade no sentido de combater a LGBTfobia no futebol.

Midiaticamente, a Canarinhos LGBTQ+ tem o Instagram como uma das principais ferramentas de atuação a favor dos direitos das minorias no futebol, atacadas pelo discurso ameaçador de Bolsonaro. Na rede social, o grupo detalha ações e projetos em andamento, denuncia as violências sofridas pelo público LGBTQIAPN+ no futebol e cobra políticas públicas de inclusão de autoridades.

No dia 17 de maio de 2023, o Dia Internacional de Combate à LGBTfobia, a página do coletivo revelou que apenas três clubes da Série A não se posicionaram a favor da causa: Flamengo, Coritiba e Cuiabá<sup>35</sup>. Uma forma de cobrar a diretoria dessas equipes a repensem a estratégia e alertar o público para quão importante é clubes de futebol se envolverem no debate contra a LGBTfobia.

Aqui abrimos parênteses para retomar mudanças sociais ocorridas com o avanço da tecnologia e da globalização, Castells (2003) afirma que a internet atribuiu novos contornos a uma prática antiga da humanidade: a rede. Transformação que impactou a comunicação e as relações em diferentes segmentos da vida. Entretanto, o autor ressalta que as interações da sociedade em rede revelam contradições, o que não o surpreende, já que a sociedade é por si própria contraditória. Por isso, deve ser sistematicamente estudada.

Segundo Jenkins (2009), a convergência possibilita novas experiências que mudam o cenário midiático e de consumo, pois se imprime não somente como transformação tecnológica, mas, sobretudo, cultural. A chamada “cultura da participação” implica na separação cada vez menor entre produtores e consumidores de mídia.

Parte expressiva da sociedade foi se conectando às plataformas digitais, produzindo e consumindo informação, produtos e serviços, trabalhando, estudando e até namorando. É nesse contexto que nascem, e depois se profissionalizam, os influenciadores digitais, assim como há a adequação das mídias tradicionais e da comunicação de marcas e organizações ao ambiente digital. Panorama potencializado a partir do isolamento social exigido pela pandemia global da Covid 19.

Podemos fazer um diálogo das tendências apontadas por Castells (2003) e Jenkins (2009) nos anos 2.000 com o uso das plataformas e redes sociais digitais na disputa de sentidos pelos símbolos nacionais. A contradição e a cultura da participação transparecem nessa luta

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsgteJoOI6N/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

simbólica, já que o conteúdo que circula amplifica vozes, seja para o bem, seja para o mal. Discursos da extrema-direita disseminam ideais antidemocráticos e reforçam sentidos negativos que se perpetuam sobre determinados grupos sociais. Estes, por sua vez, também encontram no ambiente digital múltiplas possibilidades de organização social e de desconstrução de sentidos cristalizados ao longo do tempo.

Terra, Saad Corrêa e Raposo (2018) ressaltam que os dados são “o novo petróleo da comunicação organizacional e das relações públicas”. Conhecer os públicos que se quer impactar e a coleta de dados gerados pelas redes permitem uma comunicação mais assertiva e interações que solidificam relacionamentos e reputação. Segundo os autores, a comunicação de marcas e organizações atua numa economia da informação e da visibilidade. Importante destacar que há o outro lado da moeda, porque a web é mundo do imponderável, em que questionamentos, reclamações e provocações podem afetar negativamente a reputação corporativa.

A exemplo dessas estratégias de comunicação, reforçadas pelas coletas e divulgação de dados para impactar seus públicos e a sociedade como um todo, em fevereiro de 2023, o coletivo Canarinhos LGBTQ+ divulgou um levantamento que apontou 35 casos de LGBTfobia durante a Copa do Mundo masculina de 2022, disputada no Catar. Foram cometidos, segundo o estudo, por torcidas, jogadores e agentes do Catar envolvidos no mundial. A atuação do grupo chamou a atenção da Confederação Brasileira de Futebol e, no fim de 2022, anunciou parceria com o coletivo. Historicamente, a CBF jamais havia se envolvido no debate em defesa da comunidade LGBTQIAPN+ no futebol. É um movimento recente da confederação. Em post do anúncio de colaboração<sup>36</sup>, a CBF afirmou que é mais uma ação da entidade para que o futebol brasileiro se torne mais inclusivo e livre de preconceitos. Nos comentários, um homem comentou que o “futebol virando (sic) c/oisa de Nutella mesmo... [...] já tá virando muita putaria”. Outro falou que “Começou a lacreção”. Um também disse que “Quero ver fazer pelos cristãos que estão sendo perseguidos”. Esses discursos corroboram a ideia de vitimização, uma característica do fascismo (ECO, 2019) dos grupos conservadores que sempre estiveram à frente das tomadas de poder.

Em dezembro de 2023, o coletivo divulgou o Anuário do Observatório da LGBTfobia no Futebol, que registrou 74 casos de LGBTfobia entre torcedores e jogadores, um aumento de 76% em relação a 2021<sup>37</sup>. Um acompanhamento importante para mapear os ataques

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ckt6hkoPt9v/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

<sup>37</sup> MÍDIA NINJA: Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ divulga Anuário com dados sobre LGBTFOBIA no futebol brasileiro. Disponível em: > <https://midianinja.org/news/coletivo-de-torcidas-canarinhos-lgbtq-divulga-anuario-com-dados-sobre-lgbtfobia-no-futebol-brasileiro/> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

LGBTfóbicos no futebol e pautar a imprensa e a sociedade a respeito do tema a fim de pressionar o Estado por políticas públicas que garantam o acesso seguro de grupos minoritários, em especial LGBTQIAP+, ao futebol. O próprio nome do coletivo enfatiza a representação da Canarinho ligada a uma minoria sub-representada socialmente, sobretudo, no futebol. A denominação coaduna a designação nacional do movimento ligando-o à seleção brasileira e ao futebol nacional.

O coletivo Canarinhos LGBTQ+ também conta histórias de jogadoras (o futebol masculino não permite que jogadores falem abertamente acerca da LGBTfobia), a fim de humanizá-las e denunciar à sociedade que até craques como a jogadora Formiga, da seleção brasileira de futebol feminino, não estão ilesas de passar por situações de violência. A atleta, hoje aposentada dos gramados, revelou que chegou a sofrer preconceito em clubes por onde passou. Num deles, o presidente do clube afirmou que “se tiver sapatão aqui, não vai jogar”<sup>38</sup>.

Os vídeos produzidos pelo coletivo nos dão a oportunidade de fazer mais um paralelo com uma importante estratégia da comunicação organizacional em plataformas digitais: o storytelling. O ambiente digital permite diferentes possibilidades de narrativas. Para Carrilho e Markus (2014), o storytelling é um aliado das marcas, já que, de forma simplificada, são histórias criadas para provocar emoção e empatia com o que está sendo narrado. A produção se dá usando elementos de uma trama, com papéis determinados e roteiro. O objetivo é estimular a interação e a identificação dos públicos com as marcas, que oferecem histórias autênticas alinhadas à comunicação dos propósitos e valores da marca.

O trabalho da Canarinhos LGBTQ+, assim como o de outros coletivos de torcida, mostra-se importante para a democratização dos estádios de futebol dentro da lógica de permitir que corpos LGBTQIAPN+ tenham o direito do acesso à cidade imbuída na prática torcedora. Apesar de a LGBTfobia não ter sido fundada pelo bolsonarismo, a atuação da Canarinhos justifica-se ainda mais no espaço e tempo em que a extrema-direita chega ao poder no Brasil. As pautas minoritárias durante o governo de Jair Bolsonaro foram cotidianamente tratadas como irrelevantes. A produção de sentidos, por meio da parceria com a CBF e a atuação nas plataformas e redes sociais digitais, incrementa o debate contra a LGBTfobia em sociedade, especialmente no ambiente do futebol, e a favor da inclusão, pressionando clubes, federações, confederações e a sociedade civil a se envolverem em soluções para o público LGBTQIAPN+ no esporte mais popular do Brasil.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cr3zsyMJnkH/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pesquisadores e profissionais de relações públicas e de jornalismo, consideramos pertinente entender discursos e práticas de coletivos de torcidas LGBTQIAPN+ à luz da comunicação organizacional no ambiente digital. O trabalho da Canarinhos LGBT+ e outros coletivos de torcida insere-se num ambiente de luta pela democratização do futebol num contexto de avanço do bolsonarismo sobre o esporte que contribuiu para construir a identidade nacional. Estar presente nessa arena de disputa de narrativas que é o futebol marca um lado contra o avanço e a cooptação total da extrema-direita nesse esporte historicamente associado à heteronormatividade e aos corpos ameaçados pelo bolsonarismo.

O Brasil viveu um processo de ascensão da extrema-direita até a eleição de Jair Bolsonaro em outubro de 2018, conectado a um contexto global de caráter autoritário. O modus-operandi dessa extrema-direita é a promoção de um constante caos institucional para, além de fragilizar a democracia, justificar ações impopulares dentro da lógica neoliberal de sufocar a soberania popular por meio de ajustes fiscais em defesa de uma elite financeira que lucra ainda mais com a exploração da força de trabalho e com a desorganização social.

O sequestro dos símbolos nacionais (GUEDES e ALMEIDA, 2019), especialmente a camisa da Canarinho, marcam o momento de ascensão da extrema-direita brasileira e o sucesso que obtiveram no debate público, nas redes e nas ruas, de cooptar um símbolo de sucesso nacional apenas para si, alijando aqueles que não se sentiam representados pelo autoritarismo bolsonarista. O bolsonarismo vislumbra uma nação ideal na qual corpos minoritários não são bem-vindos. A atuação do coletivo Canarinhos LGBTQ+ e a ideia de “dessequestro” dos símbolos nacionais, na tentativa de devolvê-los ao povo brasileiro (RESENDE, 2024), permitida pelas eleições e pela Copa do Mundo, ambas em 2022, afirmam a contra-argumentação de valorização da diferença e de fortalecimento da democracia.

## Referências

BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. São Paulo: Zahar, 2004.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Hora e vez dos coletivos LGBTQIA+ de futebol. *Ludopédio*, São Paulo, v. 161, n. 6, 2022.

CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais, desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CARRILHO, Kleber; MARKUS, Kleber. Narrativas na construção de marcas: storytelling e a comunicação de marketing. Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Ano 11, número 20, 1º semestre de 2014.

CASTELLS, M. A questão urbana. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. CASTELLS, M. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JR., Nelson da; DUNKER, Christian (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/organização Flávia Rios, Márcia Lima. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

MISKOLCI, Richard. CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de Gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 35. N. 03, 2017. p. 725-747. Disponível em: > <http://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

ORLANDI, Eni. Cidade dos Sentidos. Campinas: Pontes, 2004.

RESENDE, Marcelo Alves de. A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o "dessequestro" da camisa da seleção brasileira. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 2024.

RIBEIRO, João Ubaldo. Política: quem manda, por que manda, como manda. - 2.ed.rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RIBEIRO, R. J. Extrema-direita avança com ódio aos direitos humanos. Disponível em: < <http://politica.estadao.com.br/blogs/roldaoarruda/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-dizfilosofo/> >. Acesso em 10 de jul. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. 1. ed. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. Racismo brasileiro: uma história da formação do país. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2022.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso. Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

TERRA, Carolina Frazon; CORRÊA, Elizabeth Saad; RAPOSO, João Francisco. Comunicação organizacional em tempos de algoritmos e hiperconexão digital. Compós, 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. (In)vestindo camisas de futebol: moda esportiva e agência na produção das emoções torcedoras. dObra[s]. São Paulo, v. 12, n. 27, p. 31-46, 2019.

VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela: do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIEIRA, M. F. M., & SIQUEIRA, D. da C. O. (2021). O sonho da cidade: Medo e interação na metrópole imaginada. Revista FAMECOS, 28(1), e39416. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.39416>

WILLIAMS, Matthew. A ciência do ódio; a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam o futuro da sociedade humana. Rio de Janeiro: Globolivros, 2021.